

# A construção de um sentido de “caipira” no “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato

Leandro Dalcin Castilha\*

## 1- INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato, conhecido escritor brasileiro, é conhecido por produções textuais que vão desde os primórdios da Literatura infanto-juvenil nacional até as denúncias sociais efetivadas por meio de textos e artigos jornalísticos, os quais revelam as posições do sujeito no discurso, demarcadas por um espaço ideológico específico que caracteriza a formação discursiva do cenário rural brasileiro do início do século XX, mais precisamente o interior de São Paulo.



## 2- A POSIÇÃO SOCIAL DO “CAIPIRA LOBATO”

Nascido em 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, José Renato Monteiro Lobato, filho e neto de fazendeiros, já desde criança adorava os livros de seu avô materno, Visconde de Tremembé. Sua mãe o alfabetizou. Teve depois um professor particular e, aos sete anos, entrou num colégio e logo leu tudo o que havia para crianças em língua portuguesa.

Aos 18 anos entrou para a Faculdade de Direito por imposição do avô, pois preferia a Escola de Belas-Artes. Após formar-se Bacharel em Direito foi nomeado promotor, no entanto, no decorrer de sua vida profissional atuou como advogado, jornalista, proprietário rural, escritor, político, editor e empresário. Lobato teve planos ambiciosos no campo educacional. Pretendeu fundar um colégio exclusivamente para meninos ricos, onde eles aprenderiam a ser ricos com decência e proveito social. Lobato gozava de uma posição social privilegiada, econômica e culturalmente. Enquanto proprietário rural, buscou modernizar os métodos de produção e de administração empregados na fazenda que herdara do avô:

Lobato construiu um lago que encheu de marrecos-de-Pequim, gansos e patos. Importou cabras, galinhas, porcos das melhores raças. Incrementou o plantio do café, feijão, milho e arroz. Reformou a máquina de beneficiar café e assinou revistas especializadas em agricultura e pecuária.<sup>1</sup>

Por estar em contato com o povo “caipira”, Lobato observou seus costumes de modo intenso, o que lhe rendeu muitos artigos, contos, crônicas e livros. O escritor levantou reflexões relevantes sobre a monocultura cafeeira, o caipira, a mentalidade atrasada do homem do campo e a construção da nacionalidade brasileira. No entanto, suas reflexões compunham um discurso característico do grande proprietário rural, sob a ótica provinciana da alta



\* Aluno do Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA/UNIOESTE). E-mail: leandrocastilha@hotmail.com. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA/UNIOESTE), acadêmico do Curso de Letras da Unioeste, orientado pela Professora Doutora Roselene de Fátima Coito.

<sup>1</sup> *Grandes personagens da nossa história* (coleção). Fascículo 551, IV, São Paulo, Abril, 1970. (p. 949).

## Primeiros passos

classe social vigente na época:

A visão que o patrão Lobato tem do trabalhador rural é fortemente condicionada pela imagem racista da população brasileira, comum a uma elite intelectual, da qual ele faz parte, formada no início do século, que, baseada no binômio civilização-progresso preocupa-se em construir uma nação moderna, livre de traços caipiras predominantes no interior, mas também presentes na cidade.<sup>2</sup>

Os pressupostos de Foucault acerca da relação verdade-poder permitem estabelecer um elo entre o discurso de Lobato sobre o “caipira” e o poder que este discurso exerce na sociedade quando passa a ser aceito como “verdade”:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (...) Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade (...) A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.<sup>3</sup>

O estreito contato com os caipiras, seus empregados, levou Lobato a escrever o artigo *Velha Praga*, cujo esboço desenvolve em carta. Considerando o caipira o “piolho da terra”, um ser constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio inadaptável à civilização, é possível verificar que Lobato foi implacável em suas avaliações com relação ao “povo caipira”, atribuindo-lhes um estigma que pode ser observado, inclusive, nos dias atuais:

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos agregados aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas desse ano a eles o devo. [...] Começo a acompanhar o piolho desde o estalo de lêmdea, no útero de uma cabocla suja por fora e inçada por superstições por dentro. Nasce por mãos de uma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce. [...] Constrói lá uma choça de palha igualzinha à paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi. [...] Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destrói, as velhas árvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão.<sup>4</sup>

Publicada em 1914, *Velha Praga* alcançou enorme repercussão. Lobato recebeu cartas elogiosas, convites para conferências e, em dois meses, o artigo foi reproduzido em 60 jornais do país. Em seguida, publicou outro artigo, o *Urupês*, protagonizado pelo tipo que o consagraria definitivamente na literatura, ou seja, o Jeca Tatu, o caipira ignorante e indolente, supostamente responsável pelos problemas do fazendeiro. “*Em Urupês, Lobato relaciona os defeitos do Jeca – passividade, preguiça, falta de iniciativa econômica e política – e conclui que ele é incapaz de evolução e impenetrável ao progresso.*”<sup>5</sup>

Para muitos pesquisadores, Lobato foi uma das personalidades brasileiras mais atuantes na primeira metade deste século. Autor de cerca de 40 títulos, de literatura geral e literatura infantil, escritas basicamente entre 1914 e 1943, Lobato foi um polêmico, contraditório e apaixonado crítico da sociedade brasileira da Primeira República e da Era Vargas. Praticamente todas as grandes questões que mobilizaram o país nas décadas de 1910 a 1940 encontram nele um observador participante, atento e indignado.

2 FRAIZ, P. *O racismo em Monteiro Lobato: um estudo de O choque das raças ou O presidente negro*. In: Pensar e Dizer, Rio de Janeiro: UERJ, 1991. (p. 42).

3 FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. (p. 13-14).

4 LOBATO, M. *A barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1950. (p. 55-57).

5 CAMPOS, A. L. V. *A República do Picapau Amarelo*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (p. 67).

### 3- A CONSTRUÇÃO DE UM SENTIDO DE “CAIPIRA” NOS DISCURSOS LOBATIANOS

A obra literária de Monteiro Lobato pode ser considerada um dos discursos fundadores da memória construtora de um dos sentidos para o enunciado “caipira” e de certa imagem do trabalhador rural brasileiro. A este respeito, Candido propõe uma razão para a crítica lobatiana:

O caipira típico foi o que formou a vasta camada inferior de cultivadores fechados em sua vida cultural, embora muitas vezes à mercê dos bruscos deslocamentos devidos à posse irregular da terra, e dependendo do bel-prazer dos latifundiários para prosseguir na sua faina. (...) Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Daí o atraso que feriu a atenção de Saint-Hilaire e criou tantos estereótipos, fixados sinteticamente de maneira injusta, brilhante e caricatural, já neste século, no Jeca Tatu de Monteiro Lobato.<sup>6</sup>

Em consonância ao que se observa, Foucault questiona o processo pelo qual se dá a construção de um enunciado:

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? <sup>7</sup>

Ao escrever “Urupês” para o jornal *O Estado de São Paulo*, Monteiro Lobato criou um de seus mais famosos personagens: o Jeca Tatu, que era um grande preguiçoso, totalmente diferente dos caipiras e índios idealizados pela literatura romântica. Seu aparecimento gerou uma enorme polêmica em todo o país. Segundo Lobato, o protagonista de *Urupês* era como um piraquara do Paraíba, a quem nada põe de pé. “*Diante de problemas no sítio do qual era agregado ou de grandes mudanças na vida política nacional, fosse a abolição da escravidão ou a proclamação da República, o caboclo continuava de cócoras, a modorrar.*”<sup>8</sup>

Este sentido atribuído por Lobato ao trabalhador rural parece estar dentro da memória discursiva do senso comum. Esta afirmativa é confirmada quando são considerados enunciados do discurso do cotidiano como: “o caipira é preguiçoso”, “tem terra sobrando no Brasil, mas o caipira não quer plantar”, “para quem quer trabalhar, existe terra”, etc. Entretanto, o discurso de Lobato não deve ser tomado como um discurso novo, pois:

Os sentidos de seu “caipira” puderam significar e produzir outros pela existência de uma memória, condição do dizível. Lobato fala de um lugar marcado, de uma certa posição de classe: a privilegiada classe dos proprietários ou donos do capital, no caso, proprietários de terra, fazendeiros, que, na história do nosso país, detiveram por um longo espaço de tempo não somente a posse dos latifúndios como também a hegemonia política do país. Foi um discurso de poder que tornou os sentidos de Lobato viáveis, ignorando-se o longo processo histórico de exclusão social, de que tem sido vítima o trabalhador rural brasileiro. <sup>9</sup>

A respeito da desvalorização social empregada ao termo “caipira”, é possível remeter a Foucault, que sugere um campo de múltiplos enunciados evocados num mesmo enunciado. “*Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de*

6 CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 7 ed., São Paulo: Duas Cidades, 1987. (p. 81-82).

7 FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6 ed., Rio de Janeiro: F. Universitária, 2000. (p. 31).

8 LOBATO, Monteiro. *Urupês. Obras Completas de Monteiro Lobato*, 1ª série, literatura geral, vol. 1, 9 ed., São Paulo: Brasiliense, 1957. (p. 98).

9 CARDOSO, S. H. B. *Realidade e sentidos: dos jecas aos sem-terra*. Caracas, Venezuela: Sapiens, Universidad Pedagógica Experimental Libertador, 2002. (p. 19).

## Primeiros passos

*coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis.*"<sup>10</sup>

O termo "caipira" passou a caracterizar um enunciado com múltiplos sentidos e, como consequência resultante do estigma negativo atribuído ao trabalhador rural, este enunciado acabou se transformando num epíteto pejorativo no Brasil e a cultura caipira ficou sendo representante daquilo que não tem sofisticação, que não acompanhou a evolução. A este respeito, Bueno diz que qualquer um, inclusive o próprio Monteiro Lobato, pode ser um caipira:

Em todo caso, qualquer um pode ser caipira porque, como nos ensina Antonio Candido, em seu livro *Os parceiros do Rio Bonito*, a palavra caipira não se refere a um tipo físico especial, mas a um aspecto cultural prevalente no interior do estado de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso e, especialmente, a pessoas que estão ainda ligadas aos códigos culturais e religiosos "antigos". Como Cândido fez a pesquisa para este livro no meio do século XX, e desde então houve grandes correntes migratórias dentro do Brasil, é possível que atualmente haja caipiras em todos os rincões do território nacional. Embora misturados aos habitantes originais de seus novos estados, cada caipira, ou descendente de caipira, leva consigo a cultura, e a língua, de seu grupo original.<sup>11</sup>

Após esta desvalorização do "caipira", gerada pela atribuição do termo ao Jeca Tatu, Lobato efetuou um *mea culpa* a respeito dos comportamentos do Jeca. Ao estabelecer uma aliança com a indústria Fontoura, Lobato remodelou a figura do Jeca, dizendo que ele não era assim, mas "estava assim". A esse respeito, Lajolo contribui:

Nesta aliança de vermífugos e fortificantes com a velha figura do Jeca, Lobato e Fontoura partilharam outra aliança: eram ambos pioneiros da indústria brasileira: um da dos livros, outro da dos remédios. E o texto publicitário, substituindo a medicina caseira da erva-de-santa-maria (na versão original) pela Ankilostomina e pelo Biotônico, dá voz a essa parceria (...).<sup>12</sup>

É possível verificar que um outro sentido para o termo "caipira" está por vir, deveras diferente do que Lobato contribuiu para formar até então. Este caipira personificado no Jeca Tatu, que fora vadio e incendiário em 1914, curou-se e fortaleceu-se em 1920. Contudo, em 1940, o Jeca irá ressurgir pela última vez nos discursos de Lobato, sob um novo prisma: o econômico, que foge à análise deste artigo, mas que se faz interessante citar, dando ao público a dimensão da dinamicidade dos discursos lobatianos e a contribuição destes para a construção de um certo sentido para o termo "caipira".

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso construído por Monteiro Lobato a respeito do "Jeca Tatu" passou a ser efetivado como verdade quando o público enunciatário aceitou-o como real e, portanto, verdadeiro. A partir de então Lobato passou a exercer poder sobre a figura do caipira por meio de seu discurso, resultando na figura estigmatizada do "caipira" e na construção de um novo sentido inerente ao homem do campo, o qual se efetivou e, muito embora não seja o único sentido atrelado ao termo "caipira", cristalizou-se e perdura até hoje na memória discursiva do público enunciatário brasileiro.

<sup>10</sup> FOUCAULT, op. cit. (p. 114).

<sup>11</sup> BUENO, E. P. (In)tolerância lingüística e cultural no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, N°31, 2003. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/031/31bueno.htm>. Acesso em 02/11/2006. (p. 34).

<sup>12</sup> LAJOLO, M. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (p. 45).